

Colóquio ARQUITETURA E TEATRO

17 de Novembro 2015, 15h00
Sala de atos da ESAP
largo de S. domingos 80

Alexandra Trevisan
Daniela Sá
Gonçalo Louro
João Correia
Jorge Palinhos
José Luís Guimarães
Maria Helena Maia
Michele Cannatà
Né Barros



LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO

ARQUITETURA E TEATRO

ESAP, 17 Nov. 2015

15:00 - Abertura dos trabalhos
Maria Helena Maia e Jorge Palinhos

15:15 - Mesa 1 - moderador: Jorge Palinhos

A descoberta setecentista do teatro romano de Lisboa
Maria Helena Maia

Um teatro ambulante para o concurso da UIA
Alexandra Trevisan

Cena, representação e projecto. O featrino científico de Aldo Rossi
Daniela Sá

16:15 - Debate

16:30 - Pausa para café

16:45 - Mesa 2 - moderador: Alexandra Trevisan

Cheio, vazio, luz e sombra
João Carreira

Artes performativas e o lugar teatral
Né Barros

Percurso performático e arquitetura
Jorge Palinhos e Maria Carneiro

17:45 - Debate

18:00 - Pausa para café

18:15 - Mesa 3 - moderador: Maria Helena Maia

Teatros em Portugal – edificação, adaptação e experimentação
Gonçalo Louro

Arquitetura experimental "in drama". "O laboratório criativo"
José Luís Guimarães

Arquitetura como teatro da vida
Michele Cannatá

19:15 - Debate

ARQUITETURA E TEATRO
Resumo das comunicações

Comissão Organizadora:

Maria Helena Maia e Jorge Palinhos

Organização:

MIA | Mestrado Integrado em Arquitetura - Seminário 4.3; **SATH** | Secção Autónoma de Teoria e História e **CEAA** | Centro de Estudos Arnaldo Araújo - **Projeto Arquiteturas Dramáticas 2015** (ESAP/2015/P24/SATH)

MESA 1

Moderador: Jorge Palinhos

A descoberta setecentista do teatro romano de Lisboa

Maria Helena Maia

Um teatro ambulante para o concurso da UIA

Alexandra Trevisan

Cena, representação e projecto. O teatrino científico de Aldo Rossi

Daniela Sá

A DESCOBERTA SETECENTISTA DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

Maria Helena Maia

Na sequência do terramoto de 1755, são descobertas as ruínas de um teatro romano em Lisboa. Esta comunicação trata dessa descoberta e do destino que as ruínas vieram a ter, bem como do papel que lhes coube na construção da noção de património em Portugal e das medidas tomadas para o preservar.

Maria Helena Maia. Licenciada em História - Arte e Arqueologia (FLUP) e doutorada em Arquitetura, programa Arquitetura Moderna y Restauración (U. Valladolid). É membro do Conselho de Direção (1ª diretora-adjunta) e docente da Escola Superior Artística do Porto, onde leciona várias unidades curriculares de teoria e de história da arquitetura. Atualmente é também investigadora responsável do projeto ESAP *Notícias de Arquitetura, Anos 60* a decorrer no Centro de Estudos Arnaldo Araújo de que é diretora. Participou em vários projetos de investigação, recebeu dois prémios e tem trabalho publicado nacional e internacionalmente.

UM TEATRO AMBULANTE PARA O CONCURSO DA UIA

Alexandra Trevisan

O VII Congresso da UIA (Union Internationale des Architectes) decorreu no Verão de 1961 em Londres, foi organizado pelos membros do RIBA (Royal Institute of British Architects) e sob a denominação geral "Arquitectura e Tecnologia", os debates centraram-se nos efeitos dos novos materiais e técnicas na arquitectura. Neste congresso foi criado para os estudantes de arquitectura um concurso internacional tendo como tema "A Traveling Theatre".

As Escolas Superiores de Belas Artes do Porto e Lisboa integraram no ano lectivo de 1960/61 a proposta da UIA dando a possibilidade a alguns alunos do 4º ano de desenvolver um projecto para o referido concurso. Neste período a ESBAP tinha como director o arquitecto Carlos Ramos que, desde 1959, era também o Vice-Presidente da UIA, tendo sido eleito na Assembleia Geral que teve lugar em Lisboa nesse ano.

Os projectos realizados pelos estudantes de arquitectura da ESBAP apresentaram soluções que podem ser enquadrados numa abordagem mais ampla, no sentido de perceber as inter-relações entre a Escola de Carlos Ramos, o programa proposto para o concurso da UIA e a relação com o contexto soció-cultural português, particularmente no âmbito do Teatro.

Alexandra Trevisan. Investigadora Responsável (desde 03.06. 2014) do Projecto *Fotografia, Arquitectura Moderna e 'Escola do Porto': Interpretações em torno do Arquivo Teófilo Rego* (FCT: PTDC/ATP-AQI/4805/2012), Centro de Estudos Arnaldo de Araújo / Escola Superior Artística do Porto. 2013-2015. Investigadora do Projecto *Southern Modernisms* (EXPL/CPC-HAT/0191/2013) – Instituto de História da Arte /FCSH-UNL e Centro de Estudos Arnaldo de Araújo / Escola Superior Artística do Porto. 2014-2015. Coordenadora da Secção Autónoma de Teoria e História da Escola Superior Artística do Porto (ESAP), desde Julho de 2015. Docente na ESAP no Mestrado Integrado em *Arquitectura de Teoria da Arquitectura e Urbanismo* e de *História da Arquitectura e Urbanismo*; e nas Licenciaturas de *Artes Plásticas/Intermédia, Artes Visuais/ Fotografia, Cinema e Audiovisual, Design de Comunicação Multimédia e Teatro/ Interpretação Encenação de História da Arte* e de *Tendências da Arte Contemporânea*.

CENA, REPRESENTAÇÃO E PROJECTO. O 'TEATRINO SCIENTIFICO' DE ALDO ROSSI

Daniela Sá

Em poucos casos mais pode ser lida com tanta expressão a força de uma hipótese de relação entre Arquitectura e Teatro como neste exemplo particular. Uma peça, desenhada e construída em 1979 pelo arquitecto Aldo Rossi, coloca uma hipótese de partilha entre as práticas, os instrumentos e as técnicas das duas disciplinas, criando uma obra com tanto de expressivo como de enigmático. Apesar de uma certa estranheza que caracteriza esta obra, esta parece ter uma extraordinária relevância na obra deste arquitecto, o que levou Rafael Moneo a descrevê-la como tendo o valor de *oeuvres complètes*. Entender como a invenção de um dispositivo teatral e a sua prática pode ajudar-nos a esclarecer decisivamente algumas das principais características da obra de um dos mais influentes arquitectos da segunda metade do século XX é o objectivo deste ensaio.

Daniela Sá (Portalegre, 1984). Arquitecta (FAUP, 2009). Assistente convidada em História da Arquitectura Moderna, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Doutoranda e Bolseira FCT, desenvolve investigação intitulada "A ideia de Teoria de Projecto em Étienne-Louis Boullée e Aldo Rossi", sob orientação do Prof. José Miguel Rodrigues na FAUP. Investigadora e conferencista em várias instituições nacionais e internacionais sobre cruzamentos disciplinares em Arquitectura, em particular da relação entre o Texto e o Projecto, de entre as quais: IF-FLUP - Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Faculty of Architecture TU-Delft na Holanda e FAUP.

MESA 2

Moderador: Jorge Palinhos

Cheio, vazio, luz e sombra

João Carreira

Artes performativas e o lugar teatral

Né Barros

Percurso performático e arquitetura

Jorge Palinhos e Maria Carneiro

CHEIO, VAZIO, LUZ E SOMBRA

João Carreira

Josef Svoboda, checoslovaco, arquitecto e cenógrafo teatral, na sequência oportuna da abertura de Adolph Appia, às hipóteses de novas interpretações da "cena teatral", experimentou novos conceitos em ambientes dedicados à luz e necessariamente à sombra que tão dramaticamente afecta esses ambientes cénicos.

A luz, no contraste com a sombra, cria efeitos por vezes surpreendentes, num "sábio jogo" que segundo Le Corbusier, seria a definição última, de Arquitectura.

Torna-se assim, absolutamente imprescindível dominar os desenhos da luz sobre as superfícies, entendendo os espaços, o seu potencial, o seu significado e acima de tudo, a sua adequação.

É aqui que a Arquitectura teatral, tem ou não, a oportunidade de emocionar.

João Carreira. Nascido no Estoril em Junho de 1956. Curso de Arquitectura na ESBAP de 1976 a 1981. Professor na Escola Superior Artística do Porto desde 1986, essencialmente nas áreas de Projecto. Participação na Bienal de Veneza 1987. Participação em diversos seminários, debates, colóquios e palestras em Portugal, Espanha, França, Holanda, Itália e Finlândia. Colaborações com os Arquitectos José Gomes Fernandes, Manuel Correia Fernandes, Jorge Teixeira de Sousa, Alcino Soutinho e Eduardo Souto de Moura (mais prolongada) e ocasionalmente com Álvaro Siza. Menção nos Prémios Nacionais de Arquitectura em 1987. Prémio João de Almada em 1998 - Prémio de Excelência da Câmara Municipal de Aveiro 2002 - Menção no Prémio Alexandre Herculano 2009 e primeiros prémios em diversos concursos nacionais: Sala de Leitura da B.P.M do Porto, Fortaleza de Sagres, Plano do Centro da Póvoa de Lanhoso, Habitação no Centro Histórico do Porto, Reabilitação do Teatro Aveirense e Reabilitação do Teatro Ribeiro da Conceição em Lamego, entre outros. Grau de Mestre em Arquitectura. Actualmente em fase de finalização da tese de doutoramento. Membro convidado na SPAA do Conselho Nacional de Cultura entre 2010 e 2013.

ARTES PERFORMATIVAS E O LUGAR TEATRAL

Né Barros

Desde o século XX que o lugar teatral tem sido alvo de profundas transformações. Coreógrafos e encenadores têm incessantemente conferido ao lugar de representação novas valências e gerado novos dispositivos capazes de questionar fronteiras entre agentes do evento teatral (intérpretes e público) e entre disciplinas. Interessa-nos colocar à discussão uma série de exemplos que atravessem a história e sejam significativos destas mudanças e respetivos impactos no pensamento da contemporaneidade através das artes performativas. Um pensamento e um lugar afetivo, impermanente, de memória, de destruição.

Né Barros. Coreógrafa e bailarina, ao longo da sua carreira tem desenvolvido em ligação os seus trabalhos artísticos com os científicos. Doutoramento em Dança (FMH, Universidade Técnica de Lisboa) e Master of Arts in dance studies no Laban Centre, City University em Londres. Frequentou a Faculdade de Ciências do Porto e concluiu o Curso Superior de Teatro (ESAP). Investigadora no Instituto de Filosofia no Grupo de Estética, Política e Artes (U.P.). Artisticamente, iniciou a sua formação em dança clássica e mais tarde trabalha dança contemporânea e composição coreográfica, nos Estados Unidos, Smith College. Fez cinema e teatro. Tem colaborado com diversos artistas plásticos, fotógrafos, músicos, encenadores, artistas multimédia. Como formadora tem colaborado com diversas instituições e é professora na Esap. Investigadora colaboradora no Centro de Estudos Arnaldo Araújo e no INET-MD da FMH (UTL). Autora do livro *Da Materialidade na dança*, Co-editora de *Artes Performativas: Novos Discursos, Das Imagens Familiares, Deslocações da Intimidade*, e co-autora, *Story Case Print*. Co-fundadora e membro da direção do balletatro. Co-diretora do festival de cinema Family Film Project.

PERCURSO PERFORMÁTICO E ARQUITETURA

Jorge Palinhos e Maria Carneiro

Nesta apresentação propomo-nos debater a forma como uma performance pode documentar e exprimir uma experiência arquitetónica, e como é que a combinação do movimento, da mudança e da interação com o espaço arquitetónico pode ser representado através da mediação da performance. Deste modo, procuramos identificar e documentar como é que a performance pode ser usada para revelar a configuração, função, história e utilização do ambiente construído e os processos de transformação que podem ocorrer ao longo do tempo ou através de mudanças políticas ou sociais.

Partindo de performances do Teatro do Vestido e do Visões Úteis, iremos discutir as potencialidades do percurso enquanto dramaturgia do olhar e da experiência arquitetónica.

Jorge Palinhos é dramaturgo e investigador. É co-editor da revista Drama, publicada pela Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos, e membro do comité científico da revista Persona, publicada pelo ESAP, e colabora ainda com várias publicações e companhias de teatro. É membro do Centro de Estudos Arnaldo Araújo e investigador responsável pelo projeto *Arquiteturas Dramáticas 2015*.

Maria Carneiro é formada em Estudos Artísticos - Artes do Espectáculo pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestre em Teatro pela Escola Superior Artística do Porto. Maria é investigadora no Centro de Estudos Arnaldo de Araújo, e já trabalhou no Centre for Performance Research, no País de Gales, e no Hotel Pro Forma na Dinamarca, onde trabalhou como assistente de encenação.

MESA 3

Moderador: Maria Helena Maia

Teatros em Portugal – edificação, adaptação e experimentação
Gonçalo Louro

Arquitectura experimental "in drama". "O laboratório criativo"
José Luís Guimarães

Arquitetura como teatro da vida
Michele Cannatá

TEATROS EM PORTUGAL – EDIFICAÇÃO, ADAPTAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Gonçalo Louro

A evolução das artes performativas e teatrais poderá solicitar uma evolução do espaço teatral, o que frequentemente se encontra condicionada pela tipologia dos edifícios existentes, ou no caso das novas intervenções, pelas opções programáticas, nomeadamente a configuração da sala que variando entre a "Cena Contra-Posta" e "Teatro à Italiana" são as tipologias mais convencionais e que proliferam nas principais salas existentes em Portugal. Edifícios que têm vindo a ser objecto de intervenção nos últimos anos no âmbito do Programa Operacional da Cultura (POC) com vista à concretização de uma rede efectiva de Teatros e Cine-Teatros Nacionais e Municipais, capacitados das condições técnicas e funcionais para acolher as diferentes artes do espectáculo.

Gonçalo Luís da Costa Louro (Faro 1971), licenciado pela Escola Superior Artística do Porto em 1997, onde lecciona deste o ano de 2000. Atualmente frequenta o programa de doutoramento em Arquitectura da FAUP. Funda com a Arq. Cláudia Santos a GLCS – Arquitectos em 2001, onde se destacam os projetos premiados em concursos públicos e realizados, nomeadamente a Recuperação do Teatro Virginia em Torres Novas, Teatro José Lúcio da Silva em Leiria; os projetos em co-autoria na Recuperação do Teatro Aveirense e Teatro Cinema de Fafe e os projetos privados como a Oficina Municipal do Teatro em Coimbra. O trabalho tem sido apresentado em conferências, publicações e exposições nacionais e internacionais, realçando as participações no WAF - World Architecture Festival, Barcelona (2008); Salas de Espectáculos, Culturgest 2012; nas publicações "L'Architecture d'aujourd'hui", A10, Year Book 07/08 e Guias de Arquitectura.

ARQUITECTURA EXPERIMENTAL "IN DRAMA". "O Laboratório Criativo"

José Luís Guimarães

Esta comunicação propõe uma reflexão interconexa, entre o espaço teatral e a experimentação arquitectónica.

Desmaterializar através das "linguagens artísticas" a metáfora da arquitectura e a sua metamorfose experimental enquanto experiência intelectual, no "lugar das dramaturgias" e nos seus mais variados "palcos" de intervenção.

O teatro como o espaço das novas visões contemporâneas da arquitectura.

Quer especificamente refletir acerca da simbiose crítica, entre os espaços do teatro e a experimentação do objecto arquitectural, entendido como um motor criativo da própria arquitectura, implementado nos mais diversos espaços e palcos da intervenção arquitectónica. O teatro como um lugar de vanguarda do pensamento arquitectónico.

Os espaços teatrais como um laboratório experimental da arquitectura.

Um ensaio da dimensão experimental da arquitectura, entendida como um veículo criativo de qualquer expressão teatral. "Os dramas" no controlo programático da conceção e ideia arquitectónica. O teatro como espectadores de si próprios.

Pretende contribuir para a compreensão do papel fundamental da actividade teatral nas constantes manifestações da experimentação arquitectónica, em diferentes cenários espaciais, em distintos contextos, com divergentes escalas e complexidades criativas contraditórias, compreendidas como "laboratórios da arquitectura"

O teatro como um macroscópico da inovação arquitectónica. Um tubo de ensaio da contemporaneidade artística e do objecto arquitectural.

O conteúdo dos "dramas" na "invenção" da forma e do conceito arquitectónico efémero em tempo e em conceitualidade. As dramaturgias na vanguarda das contribuições da arquitectura experimental para novas tipologias, espaços, lugares e linguagens.

Através deste problema teórico, a resolução da equação intelectual entre arquitectura e experimentação enquanto sujeito da própria arquitectura, contextualiza pelos "dramas".

José Luís Guimarães, natural do Porto, docente da ESAP desde 1992. Licenciado em Arquitectura, pela Escola Superior Artística do Porto, em 1991. Fase Curricular do Mestrado em Arqueologia na Especialização de Arqueologia Urbana, pela Universidade do Minho, em Braga. Doutorando em Arquitectura, com o tema : A Dimensão Experimental da Arquitectura. Foi membro efetivo de várias Direções da CESAP (Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto). Foi secretário do Conselho Geral da ESAP entre 2012/2013. Atualmente é Diretor Adjunto da Direção Académica da ESAP. Trabalha em regime de profissão liberal de 1993, tendo desenvolvido diversos projetos na área de arquitetura, urbanismo, cenografia, design, tanto em Portugal como no estrangeiro. Em 2010, recebeu o Prémio de Arquitectura Pintor António Cruz, no Alto-Minho, com o projeto de uma habitação unifamiliar, em Ponta da Barca. Participou, individual e coletivamente em várias exposições de arquitetura, quer como aluno, quer como arquitecto

ARQUITETURA COMO TEATRO DA VIDA

Michele Cannatà

Através da análise de algumas obras ou imagens de espaços arquitetónicos é possível verificar como a arquitetura tem uma relação direta na representação das diferentes expressões da vida no diferentes tempo e no espaço. Cultura e sociedade são expressões de forma de habitar e de relações que o homem estabelece no seu quotidiano, e a arquitetura é a disciplina quer constrói as condições espaciais para o desenvolvimento dos rituais dos diferentes tempos.

Arquiteturas de A. Rossi, G. Grassi, A. Siza e também aquelas realizadas pelo autor em conjunto com Fátima Fernandes servem para demonstrar a capacidade da arquitetura na construção de espaços de representação de diferentes momentos da vida contemporânea.

Michele Cannatà licenciado em Arquitectura pelo Istituto Universitario Statale di Architettura di Reggio Calabria (Itália) em 1977. Doutor em "*Composizione architettonica e progettazione urbana*" em 2009 pela Universidade de Chieti-Pescara Italia, Departamento IDEA. Infrastrutture, Design, Engineering Architettura. Desde 1984 trabalha com Fátima Fernandes juntos obtendo numerosos prémios e reconhecimentos pela realização de obras e projectos entre os quais: Menção Honrosa no Prémio Internacional de Arquitectura Andrea Palladio, Vicenza em 1989; Prémio Piranesi atribuído pela Slovene Academy of Sciences and Arts em 1996; Prémio Arqueologia Industrial, atribuído pelo TICCIH .The International Committee for the Conservation of the Industrial, com o livro *Moderno Escondido* em 2004; 2º Prémio, Residência Singular, atribuído pelo Conselho Superior de Colégios de Arquitectos de Espanha, em 2004; Menção Honrosa Prémio A.PRIZE Exposynergy 2010; Medalha de Prata no Premio Internacional Domus Conservação e Restauro em 2012.

Ao trabalho profissional e didáctico junta um actividade de divulgação da arquitectura contemporânea portuguesa através varias publicações entre as quais : *Moderno Escondido*. Arquitectura das centrais hidroeléctricas do Douro 1953-1964. FAUP publicações. 1997 *Arquitectura Portuguesa Contemporânea*. 1999-2001, edições ASA; Obras e projectos encontram-se em publicações monográficas e várias revistas e livros de arquitectura.

